

NOVAS OCUPAÇÕES URBANAS, PUNK E NEGRITUDE: ARTICULAÇÕES PARA A REEXISTÊNCIA NO EXTREMO SUL DO BRASIL

HENRIQUE JESKE¹

RESUMO

O artigo investiga as relações entre a cena punk, a negritude e as ocupações urbanas em uma cidade do extremo sul do Brasil, região marcada pelo legado escravocrata das charqueadas. Apesar de sua proposta contestatória, o punk local reproduz exclusões raciais, com baixa participação negra, refletindo um "excesso decolonial" (Woods, 2020): apropriação estética de elementos negros sem inclusão efetiva, naturalizando a branquitude. Como alternativa, ocupações como o Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão emergem como espaços de "reexistência", ressignificando territórios abandonados por meio de epistemologias afrodiáspóricas. O Kilombo articula cultura punk com lutas antirracistas, promovendo ações coletivas e deslocando simbologias anarquistas para uma perspectiva decolonial. Baseado em entrevistas e observação participante, o estudo conclui que a superação das barreiras raciais exige mais que inclusão simbólica: demanda desconstrução de hierarquias culturais (Quijano, 2022) e reinvenção das práticas cotidianas, transformando contradições em ferramentas para uma transformação social efetiva.

PALAVRAS-CHAVE

Punk; Negritude; Ocupações urbanas; Decolonialidade; Extremo Sul.

NEW URBAN OCCUPATIONS, PUNK, AND BLACKNESS: ARTICULATIONS FOR RE-EXISTENCE IN THE FAR SOUTH OF BRAZIL

ABSTRACT

This article investigates the relationships between the punk scene, Blackness, and urban occupations in the far south of Brazil, a region marked by the legacy of slavery in the charqueadas. Despite its contestatory approach, local punk reproduces racial exclusions, with low Black participation, reflecting a "decolonial excess" (Woods, 2020): the aesthetic appropriation of Black elements without effective inclusion, naturalizing whiteness. Alternatively, occupations like the Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão emerge as spaces of "reexistence," resignifying abandoned territories through Afro-diasporic epistemologies. Kilombo articulates punk culture with anti-racist struggles, promoting collective actions and shifting anarchist symbolologies toward a decolonial perspective. Based on interviews and participant observation, the study concludes that overcoming racial barriers requires more than symbolic inclusion: it demands the deconstruction of cultural hierarchies (Quijano, 2022) and the reinvention of everyday practices, transforming contradictions into tools for effective social transformation.

KEYWORDS

Punk; Blackness; Urban Occupations; Decoloniality; Extreme South.

¹ Cientista Social. Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

NOUVELLES OCCUPATIONS URBAINES, PUNK ET IDENTITÉ NOIRE : EXPRESSIONS DE LA RÉEXISTENCE DANS L'EXTRÊME-SUD DU BRÉSIL

RÉSUMÉ

Cet article explore les liens entre la scène punk, la négritude et les occupations urbaines dans l'extrême sud du Brésil, une région marquée par l'héritage de l'esclavage et des charqueadas (abattoirs). Malgré son approche contestataire, le punk local reproduit les exclusions raciales, avec une faible participation des Noirs, reflétant un "excès décolonial" (Woods, 2020) l'appropriation esthétique d'éléments noirs sans véritable inclusion, naturalisant ainsi la blancheur. Parallèlement, des occupations comme Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão émergent comme des espaces de « re-existence », resignifiant des territoires abandonnés à travers des épistémologies afro-diasporiques. Kilombo articule la culture punk aux luttes antiracistes, promouvant l'action collective et transformant les symboles anarchistes dans une perspective décoloniale. S'appuyant sur des entretiens et une observation participante, cette étude conclut que le dépassement des barrières raciales exige bien plus qu'une simple inclusion symbolique il requiert la déconstruction des hiérarchies culturelles (Quijano, 2022) et la réinvention des pratiques quotidiennes, transformant les contradictions en outils de transformation sociale efficace.

MOTS-CLÉS

Punk; Identité Noire; Occupations Urbaines; Décolonialité; Cône Sud.

NUEVAS OCUPACIONES URBANAS, PUNK Y NEGRITUD: ARTICULACIONES PARA LA REEXISTENCIA EN EL EXTREMO SUR DE BRASIL

RESUMEN

Este artículo investiga las relaciones entre la escena punk, la negritud y las ocupaciones urbanas en el extremo sur de Brasil, una región marcada por el legado de la esclavitud en las charqueadas. A pesar de su enfoque contestatario, el punk local reproduce exclusiones raciales, con baja participación negra, lo que refleja un "exceso decolonial" (Woods, 2020): la apropiación estética de elementos negros sin una inclusión efectiva, naturalizando la blancura. Por otro lado, ocupaciones como Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão emergen como espacios de "reexistencia", resignificando territorios abandonados a través de epistemologías afrodiáspóricas. Kilombo articula la cultura punk con las luchas antirracistas, promoviendo acciones colectivas y transformando los símbolos anarquistas hacia una perspectiva decolonial. Basado en entrevistas y observación participante, el estudio concluye que superar las barreras raciales requiere más que una simple inclusión simbólica: exige la deconstrucción de las jerarquías culturales (Quijano, 2022) y la reinención de las prácticas cotidianas, transformando las contradicciones en herramientas para una transformación social efectiva.

PALABRAS CLAVE

Punk; Negritud; Ocupaciones urbanas; Decolonialidad; Extremo Sur.

INTRODUÇÃO

No extremo sul do Rio Grande do Sul, o passado escravocrata e a herança das charqueadas² ainda marcam profundamente o tecido social e as relações raciais. Pelotas e Rio Grande, cidades que prosperaram com o trabalho forçado de populações negras escravizadas, mantêm até hoje estruturas de exclusão e desigualdade, perceptíveis tanto nos índices sociais quanto nas dinâmicas cotidianas. A cena punk e o *underground* local, embora vibrantes e reconhecidos por sua vivacidade, refletem esse contexto: majoritariamente compostas por brancos, com baixíssima participação de pessoas negras, o que evidencia a persistência de barreiras culturais à participação nessa forma de protesto e diversão.

O punk, em sua origem, carrega uma proposta de contestação e ruptura com a ordem estabelecida, mas, na prática, frequentemente reproduz exclusões e silenciamentos herdados do colonialismo, como observa Maxwell Woods (2020) ao analisar a apropriação de elementos negros e a obliteração de suas origens dentro do próprio movimento punk no Atlântico Norte. No extremo sul do Brasil, essa dinâmica se manifesta de forma aguda: apesar de se apresentar como espaço de resistência, o punk local pouco dialoga com as experiências e demandas da população negra, que segue à margem tanto das políticas públicas quanto das iniciativas culturais alternativas.

É nesse cenário que as ocupações urbanas, como o Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão, assumem papel central. Mais do que resposta à crise de moradia estudantil, essas iniciativas funcionam como incubadoras do conhecimento, fomentando a participação política, social e cultural e abrindo brechas para a construção de novas formas de coletividade e solidariedade. A ocupação em questão, situada na zona portuária de Pelotas, insere-se em uma cidade marcada pela memória dos charqueadores, mas propõe uma inversão: transformar um prédio ocioso de uma cidade historicamente excludente em território de criação, convivência e principalmente de resistência.

O artigo parte da observação participante e de entrevistas com protagonistas desse cenário para compreender como o punk, mesmo com suas limitações, pode se articular a iniciativas como as ocupações na busca por transformação social — uma relação relativamente existente mundo afora, mas perdida no campo em questão. O diálogo com dois representantes do Kilombo Urbano revela o esforço cotidiano de reinvenção do ideário local e de luta pelo direito à cidade. A entrevista com um músico, artesão e produtor cultural influente no *underground* na região expõe como a cultura alternativa pode ser ferramenta de

² Locais onde se produzia o charque, uma carne salgada e desidratada ao sol, que servia para conservação por longos períodos. Essas instalações eram centros econômicos importantes, especialmente em regiões como Pelotas (RS), durante o "ciclo do charque". Elas se tornaram símbolos de uma época marcada pela economia agropastoril e pela exploração intensiva e brutal de mão de obra escrava.

crítica e mobilização, ainda que precise avançar em sua abertura às diversidades. Já a conversa com os integrantes da banda Escória, de Rio Grande, evidencia as tensões e os potenciais do punk como linguagem de denúncia e resistência, mesmo em um ambiente social que ainda reproduz exclusão.

Entre novembro de 2024 e julho de 2025, acompanhei as atividades do Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão. Observei discussões, ensaios de bandas e estive presente em eventos, registrando em diário de campo como punks, artistas e demais pessoas tensionavam aquele espaço. Os atores-chave entrevistados foram escolhidos por seu papel transformador: um dos fundadores do Kilombo e outro integrante que o acompanhava na ocasião, sendo ambos homens negros; Marcelo Rubira, homem branco, produtor musical com décadas de contribuição para a cena *underground*; e três membros da Escória, única banda punk ativa atualmente na cidade de Rio Grande, formada por dois homens e uma mulher branca.

As entrevistas semiestruturadas giraram em torno de três eixos: visão sobre o território, negritude no punk sulino e relevância das ocupações. A análise seguiu caminhos abertos por Bardin (2016) via codificação de recorrências e o cruzamento das vozes com minhas anotações de campo. Procurei garantir que suas histórias não se tornassem, no texto escrito, dados mortos, mas ferramentas vivas de luta.

Ao discutir o punk e o cenário *underground* como ferramentas auxiliares a iniciativas transformadoras, como é o caso das ocupações, busco refletir sobre os limites e as possibilidades de movimentos culturais na luta contra estruturas históricas de opressão. No extremo sul, onde o passado escravocrata ainda ecoa e a cena alternativa segue predominantemente branca, pensar a articulação entre cultura, política e território é fundamental para imaginar caminhos de ruptura e inventividade social capazes de enfrentar, de fato, as marcas profundas do racismo e da desigualdade.

AS CICATRIZES DA ESCRAVIDÃO E O TERRENO PROLÍFICO DO PUNK NO EXTREMO SUL

No extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, a história da formação social carrega consigo as marcas indeléveis do sistema escravocrata que, durante o século XIX, fez de cidades como Pelotas e Rio Grande centros econômicos de prosperidade construída sobre o trabalho forçado da população negra. A cidade de Pelotas emergiu como o principal centro de produção de charque do Brasil Imperial, consolidando-se como palco de uma das elites de maior prestígio social do país (Peres, 2023).

A primeira charqueada foi estabelecida em 1780 pelo cearense José Pinto Martins, nas margens do Rio Pelotas (Assumpção, 1990), iniciando uma robusta movimentação no panorama econômico regional que integraria o Rio Grande do Sul ao abastecimento das

populações coloniais. A indústria charqueadora foi responsável por concentrar um dos maiores contingentes de escravos do Rio Grande do Sul, chegando a representar 62,8% da população pelotense em 1833, entre escravizados e “libertos” (Pessi, 2008).

O desenvolvimento das charqueadas dependia integralmente da mão de obra escrava, diferentemente da atividade criatória, onde trabalhadores livres predominavam. Por não estar na rota do tráfico atlântico, a localidade tornou-se dependente dos escravos vindos do Rio de Janeiro a partir da década de 1780. O crescimento da produção charqueadora gerou uma vinculação estreita com o capital mercantil carioca, fundamental para o fornecimento de mão de obra cativa (Vargas, 2012).

Dado esse breve panorama histórico, Pelotas, mais do que suas vizinhas, revela uma ferida que permanece aberta na atualidade. As ruas que homenageiam os charqueadores — figuras centrais de uma economia construída sobre a exploração brutal da população negra escravizada — são testemunhas de uma memória que escolhe celebrar o poder e o prestígio da elite, enquanto ignora o sofrimento e a contribuição dos que foram subjugados. Essa escolha não é neutra, já que nega a reparação histórica, perpetuando os nomes de *animais*, nos termos descritos por um dos entrevistados ao descrever a figura de um charqueador:

[...] porque o charqueador, o que ele era?! Um charqueador era um animal! Era um cara grosso, que não tinha educação. Geralmente, os charqueadores eram pessoas banidas de Portugal. O Brasil colônia era uma prisão para o povo europeu. Quando o rei de Portugal tinha que te banir, te mandava para o Brasil e tu vinha para cá para viver como um bicho. Só que alguns tinham algumas características que os permitiram remontar a questão do Brasil império. Para mim, a revolução do charque é a grande revolução industrial, o primeiro modelo de anarquismo se dá a partir do momento que nós negros fugimos das charqueadas, das plantações de café, coisa e tal, e nos refugiamos nos quilombos. O quilombo é um modelo de movimento anárquico. Essa é a concepção que eu levo para a vida: o quilombo é o primeiro modelo de anarquia no Brasil (Representante do Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão, junho de 2025).

O relato do entrevistado retumba um conhecimento adquirido sobre a história local e um olhar crítico sobre bases estruturais horizontalmente aceitas pelos cidadãos de boa parte dos municípios do extremo sul. Ademais, expressa uma ótica subversiva e em grande medida propositiva, que abertamente convida o ouvinte a repensar eventos históricos entendidos como solidamente registrados a partir da ótica daqueles que hoje pensam o aquilombamento como uma forma libertária de organização e resistência.

Ao identificar o quilombo como o primeiro modelo anárquico brasileiro, o entrevistado opera um deslocamento epistêmico fundamental: a resistência negra deixa de ser lida apenas como reação à opressão e passa a ser reconhecida como projeto político autônomo, que antecipa princípios de horizontalidade e autogestão posteriormente reivindicados por movimentos libertários. Essa inversão é mais que retórica, carregando implicações práticas para a compreensão do papel da negritude nas lutas contemporâneas, especialmente quando se considera que o punk local, apesar de sua retórica contestatória,

ainda reproduz as exclusões herdadas dessa mesma estrutura colonial que o entrevistado denuncia. É precisamente essa tensão entre discurso libertário e prática excludente que o texto passa a explorar nas seções seguintes, evidenciando como a cena alternativa do extremo sul permanece marcada por contradições que exigem enfrentamento.

Esse lugar de desigualdades que não se limitam ao campo simbólico é também o cenário em que o manifesto punk conquistou espaço para fruir. Visto que o punk não surge apenas como um gênero musical, mas como uma resposta direta a exclusão e às histórias seguidamente marcadas pelas múltiplas formas de violência e desigualdade, ele encarna a voz daqueles que vivem à margem, que rejeitam a ordem estabelecida e que buscam, através da música e da atitude, denunciar as injustiças que atravessam suas vidas, transformando-as. A energia contestatória do punk no extremo sul ressoa com a experiência de uma juventude periférica que carrega o peso de feridas históricas, mesmo que, paradoxalmente, essa cena ainda reflita limitações em sua abertura à ampla diversidade.

Assim, o punk no extremo sul figura mais que um movimento cultural: é uma espécie de espaço metafísico onde se tensionam memórias, identidades e reivindicações. É um palco onde a resistência se manifesta, mesmo diante das contradições e das exclusões internas. Essa cena *underground* pulsa como uma das respostas às feridas das cidades locais, criando possibilidades de coletividade e solidariedade que desafiam as estruturas históricas. A inclusão racial, no entanto, permanece sendo um desafio urgente, exigindo que essa resistência se amplie e se transforme em algo capaz de transmitir seu ideário de autonomia e ação direta aos indivíduos de maneira mais ampla.

A análise de Maxwell Woods (2020) sobre a apropriação e o apagamento das origens negras dentro do punk oferece uma chave fundamental para entender essa dinâmica. Ele nos lembra que a cultura, mesmo aquela que se pretende marginal e contestadora, não está imune às forças do colonialismo e do racismo estrutural que atravessam a sociedade como um todo.

Do ponto de vista sociológico e antropológico, o que se observa é a reprodução de um “excesso decolonial” (Woods, 2020), termo que sintetiza a apropriação simbólica de elementos culturais negros sem o devido reconhecimento ou inclusão efetiva das populações que os originaram. Essa apropriação, além de deslegitimar as vozes negras, reforça a naturalização da branquitude como norma tácita dentro do movimento punk, criando barreiras invisíveis — mas muito reais — para a participação negra. Assim, o punk, paradoxalmente, pode funcionar como um espaço de resistência e, ao mesmo tempo, de exclusão, reproduzindo padrões históricos de segregação cultural.

A contradição demonstra o grau de complexidade dos processos identitários e das lutas por reconhecimento em contextos marcados por desigualdades históricas profundas. A cena punk do extremo sul, como espaço de sociabilidade e produção cultural, reflete as

tensões entre o desejo de ruptura e as limitações impostas por estruturas sociais que continuam a marginalizar corpos e vivências negras. A resistência que o punk simboliza não pode ser plena se não reconhecer e incorporar as múltiplas dimensões da diversidade racial, cultural e social da região.

Portanto, o que abordo como ampliação da participação negra no punk não é apenas uma questão de representatividade simbólica, mas uma necessidade política e epistemológica. Trata-se de desestruturar as hierarquias culturais herdadas do colonialismo e do racismo, para que o movimento possa efetivamente cumprir seu papel de contestação radical. A inclusão racial amplia o potencial transformador do punk, tornando-o um espaço mais plural, capaz de dialogar com as experiências e as demandas de todos os sujeitos marginalizados.

Esse processo implica reconhecer que a cultura não é um campo neutro, mas um terreno de disputas e negociações onde se definem identidades e se reproduzem ou desafiam relações de poder. A cena punk, ao abrir-se para a negritude e para outras expressões culturais historicamente silenciadas, pode se tornar um instrumento ainda mais potente de reconfiguração social, tornando-se parte do ferramental do qual se pode lançar mão para enfrentar as marcas profundas do racismo e da desigualdade no extremo sul do estado.

AS OCUPAÇÕES COMO FERRAMENTA: O CASO DO KILOMBO URBANO

Apesar da força contestatória, a cena punk de cidades como Pelotas, Rio Grande, Jaguarão e Bagé revela uma limitação estrutural importante: a baixa participação da população negra, reflexo das persistentes barreiras culturais e sociais herdadas do supracitado passado escravocrata. É nesse contexto que as ocupações urbanas emergem como espaços cruciais de resistência e reinvenção, capazes de tensionar e ampliar os limites do movimento punk local, promovendo uma articulação entre cultura, política e território.

Ocupações como o Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão assumem um papel importante ao transformar espaços excludentes e subutilizados em lugares de criação e convivência. Simbolizando essa potência transformadora ao incorporar a negritude como um dos eixos fundamentais de sua ação, o termo “kilombo” remete às comunidades quilombolas, espaços históricos de resistência negra contra a escravidão e o colonialismo, ao passo que sua reapresentação no contexto urbano contemporâneo carrega uma carga simbólica e política.

Ilustrando a proposta de aproximação e mescla que busco empreender neste artigo, o Kilombo já foi e frequentemente volta a ser palco para reuniões e apresentações de bandas punk, quase sempre articuladas em parceria com o produtor Marcelo Rubira,

reunindo grupos oriundos de diversos municípios. Rubira, que é artesão, músico e produtor cultural, aponta que, apesar de Pelotas não ser a capital do estado, é *a maior cidade do extremo sul e a capital do movimento, onde as bandas vêm se apresentar direto*. Ademais, o histórico da atividade de Rubira tocando em bandas no passado³ e seu trabalho em estúdio musical próprio na atualidade, torna facilitado o acesso ao cenário musical de modo geral.

As figuras 1 e 2 expõe cartazes de eventos realizados pelo estúdio Bokada e pelo Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão. A figura 1 é o cartaz da décima terceira edição do evento “Era Punx Gig!”, ocorrido em julho de 2023 no Kilombo Urbano e encabeçado pelo estúdio Bokada, pela banda Escória e pelo coletivo Tüfo, reunindo bandas punk das cidades de Pelotas e Rio Grande. A figura 2 mostra o cartaz do já tradicional Bokada Festival, que recorrentemente reúne bandas punk, mesclando-as com outros estilos presentes no underground local, como o metal, hardcore e crossover.

Figura 1. Era Punx Gig!



Fonte: Marcelo Rubira.

³ Entre as bandas punk figuram a Conflito Social, Catarro, BDS e Aborto Podre, segundo o entrevistado.

Figura 2. Bokada Festival.



Fonte: Marcelo Rubira.

Ao observar essa articulação sob a ótica proposta por Gallo (2008), que enfatiza que o punk, para além da dimensão musical, é uma prática cultural que questiona as normas estabelecidas e cria espaços de autonomia e experimentação social, pode-se perceber muito da dita atitude punk na iniciativa do Kilombo Urbano como um todo. Nesse sentido, além de oferecer um espaço físico para a cena punk e para todas as demais, o Kilombo também promove uma reinvenção do próprio significado do movimento ao tensionar suas fronteiras e abrir caminhos para uma participação pensada para funcionar de maneira mais horizontal.

Essa reinvenção ecoa as contradições fundacionais do movimento punk identificadas por Guerra e Menezes (2019). Se o punk historicamente oscila entre “ideologia e estética”, o Kilombo Urbano radicaliza essa tensão ao converter o espaço físico em um laboratório de práticas decoloniais, em um gesto que não evoca aqui com o intuito de comparar o movimento ao Kilombo, mas intencionando demonstrar uma relação bastante próxima, que converge constantemente em atitude. A ressignificação gráfica do termo “quilombo” foi explicada da seguinte forma:

O Kilombo tem esse principal papel: acolher. As pessoas geralmente pegam a palavra quilombo com QI, que é um quilombo que vem da questão cristã, da questão dos jesuítas, entendeu? E nós adotamos a palavra Kilombo com K porque em África não existe a palavra QI, e em África não existe só negro. Então o Kilombo com K vem para juntar todas as pessoas e dizer: “ó mano, teu quilombo com QI tá diferente, teu quilombo com QI tem trajetória igrejeira. O Kilombo com K é uma autonomia nossa, uma autonomia africana (Representante do Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão, junho de 2025).

Não se trata apenas de incluir vozes negras, mas de reestruturar a própria gramática do movimento a partir de epistemologias afrodiáspóricas, subvertendo a lógica eurocêntrica que marcou as origens do punk anglo-saxônico. Aqui, o *ethos DIY (Do It Yourself)*, central nas cenas punk analisadas por Guerra e Menezes (2019), adquire novas camadas. Se nas experiências analisadas por eles o "faça você mesmo" operava como resistência ao mercado musical, no Kilombo ele se expande para uma pedagogia territorial.

A potência desse modelo revela-se ao confrontar a limitação estrutural das cenas punk tradicionais. Rubira descreve o modelo de uma outra ocupação existente em Pelotas, bem como uma experiência vivida por ele em Curitiba, denotando as camadas da inversão operada atualmente pelo Kilombo:

Tive o primeiro contato com uma ocupação na cidade de Curitiba. Eu nem lembro o nome porque fiquei pouco tempo lá. Era um caos total... apesar de ser anarcopunk, era um caos total, era muita droga, o pessoal não fazia nada de... ocupavam para morar e para se drogar. Não ocupavam para fazer algo social, né?!

As outras com que tive contato sempre foram anarcopunks, como é a 171, daqui de Pelotas, que também faz uma correria deles. Não desmerecendo nada. É outra visão, é outro tipo de ocupação, né?! Eles ocuparam para estudar, para fazer material cultural, anarcopunk mesmo, anarquista, daqueles mais radicais. Mas o Kilombo tem aquele lance mais social de fazer contribuições, de fazer comida para quem não tem, de construir casa para quem não tem, de dar acolhimento para trans, negros ou não, o que é muito importante também. O acolhimento ali é muito forte (Entrevista com Marcelo Rubira, junho de 2025).

Ao converter referências quilombolas em insígnias que servem também ao movimento punk — seja em grafites que fundem símbolos anarquistas com referências africanas, ou no ambiente que mistura cartazes de *gigs* com a presença de um grande sopapo⁴ no centro de um cômodo — o Kilombo desloca o eixo da rebeldia: a estética da ruptura não é mais importada, mas reenraizada na história local de luta antirracista.

Essa abordagem corrobora a tese de Gallo (2008) sobre ocupações como atos de "reinscrição da periferia no centro". O Kilombo radicaliza o gesto ao converter um território marginalizado em epicentro de uma contracultura negra, punk, *underground* e anarquista. Os shows que reúnem bandas de diferentes lugares não são meros eventos; são ritos de reexistência que, nas palavras de Guerra e Menezes (2019), convertem "ecossistemas hostis em habitats naturais".

As ocupações urbanas, em modelos como o do Kilombo Urbano, demonstram que a transformação de espaços não se dá apenas pela presença física, mas pela construção gradual de vínculos e sentidos compartilhados. O ambiente antes marcado pela hostilidade — abandono, insegurança, descaso — passa a ser habitado por práticas cotidianas que fundam novas rotinas e expectativas. A cada reunião, oficina ou evento, o espaço se converte

⁴ Segundo um representante do Kilombo Urbano, antes de se tornar instrumento musical, o Sopapo foi um meio de comunicação. A depender do toque e do timbre, enviava determinado tipo de mensagem, criando uma interlocução. Trata-se de um grande tambor que é instrumento típico da cultura afro-gaúcha, feito originalmente com rústicas toras de madeira e couro equino ou bovino.

em território de trocas, onde o pertencimento se constrói por intermédio da convivência. Esse processo, longe de ser linear, é tecido por negociações constantes, pequenos conflitos e aprendizados, que vão sedimentando o reconhecimento mútuo e a confiança. Assim, o que era hostil se torna habitável porque passa a ser vivido, cuidado e apropriado em múltiplos níveis.

Ao observar o cotidiano dessas ocupações, percebe-se que elas operam como mecanismos de conversão simbólica e material do espaço urbano. A hostilidade do ecossistema original — resultado de políticas de exclusão, racismo estrutural e invisibilização — é enfrentada por meio de práticas que valorizam a escuta, a criatividade e a autonomia coletiva. As oficinas de arte, as assembleias abertas, os mutirões de cozinha e a distribuição de alimentos, tudo isso compõe uma ecologia social em que o espaço físico é apenas o ponto de partida. Com o tempo, o ambiente ocupado deixa de ser apenas abrigo e se torna habitat: lugar de memória, de afeto, de construção de projetos comuns. Essa conversão não elimina os conflitos, mas cria condições para que eles sejam mediados e transformados em aprendizado coletivo, fortalecendo a capacidade de adaptação e reinvenção do grupo diante das adversidades externas.

O modelo de ocupação, ao se aproximar do ideário punk, encontra terreno fértil para potencializar seu alcance transformador. O punk, carregado da ética do faça-você-mesmo, sua recusa à autoridade e o seu impulso de ação direta, buscou criar espaços alternativos à ordem dominante. As ocupações, ao abrirem suas portas para shows, encontros e oficinas ligados à cena punk, tornam-se aliadas usuais desse projeto. Além do abrigo físico, oferecem um laboratório de experimentação social, onde a autonomia, a solidariedade e a criatividade podem ser exercidas de forma coletiva e horizontal. Ao contrário de espaços tradicionais, marcados por hierarquias rígidas e exclusão, a ocupação se apresenta como território aberto à reinvenção, onde o punk encontra a possibilidade de expandir seus limites, dialogando com outras lutas e identidades.

Nessa convergência, a ocupação deixa de ser apenas um refúgio e se converte em plataforma para a construção de novas formas de resistência, capazes de enfrentar tanto as marcas do passado colonial quanto os desafios do presente. Nesse solo, fértil em tensões e encontros, que germinam as possibilidades de superação dos excessos e limites herdados, apontando para um horizonte em que a radicalidade da diferença se torna o motor de novas sínteses coletivas.

SUPERANDO O EXCESSO DECOLONIAL

Superar o excesso decolonial, especialmente quando se observa a cena alternativa do extremo sul do Brasil à luz das formulações de Maxwell Woods (2020), exige um

deslocamento analítico que vá além da denúncia das exclusões evidentes ou da mera celebração de experiências insurgentes, carecendo também de uma aproximação com trabalhos latino-americanos compromissados com a compreensão da realidade local. O que está em jogo afinal, é a compreensão das engrenagens profundas da colonialidade, que se reproduzem de modo difuso e capilar mesmo nos espaços que se pretendem radicais e contraculturais.

Woods (2020), ao analisar o exemplo dos *Bad Brains*, destaca como a trajetória da banda evidencia as ambiguidades e contradições do punk como espaço de resistência e exclusão. Os *Bad Brains*, grupo formado por músicos negros em Washington, D.C., romperam com expectativas raciais e estilísticas ao se inserirem em uma cena predominantemente branca, trazendo consigo não apenas uma sonoridade inovadora, mas também uma presença que desafiava as normas tácitas do movimento. No entanto, mesmo diante de sua contribuição incontestável e de sua influência sobre o punk e o hardcore, os *Bad Brains* foram frequentemente alvos de resistência e marginalização dentro da própria cena que ajudaram a transformar. Woods (2020) mostra que, apesar de toda a retórica de ruptura e contestação, o punk do Atlântico Norte não foi capaz de acolher plenamente a diferença quando ela se apresentou de modo incontornável, preferindo, muitas vezes, relegar os *Bad Brains* à condição de exceção ou curiosidade, em vez de reconhecer e incorporar sua centralidade.

Contudo, Woods (2020) também observa que os próprios *Bad Brains*, ao conquistarem reconhecimento e centralidade em certos circuitos, passaram a desempenhar papéis que, sob o olhar atento das interações cotidianas, revelam a instauração de novas fronteiras e categorias de pertencimento. A banda, ao consolidar uma identidade estética e comportamental marcada por forte adesão ao rastafarianismo e por posturas normativas quanto a estilos de vida e valores, passou a organizar o ambiente ao seu redor segundo um conjunto de expectativas rígidas, que funcionavam como filtros de acesso e reconhecimento. Assim, à medida que os *Bad Brains* se tornavam referência, a cena se via diante de regras implícitas que delimitavam quem poderia circular, ser ouvido ou se identificar com aquele espaço. O palco, que antes parecia aberto à experimentação e à diferença, era progressivamente reconfigurado por gestos e sinais que comunicavam aceitação ou rejeição, pertencimento ou afastamento.

Woods (2020) sugere que, mesmo enquanto desestabilizavam a hegemonia branca e abriam caminho para a presença negra, os *Bad Brains* acabaram por criar, em torno de si, um novo campo de distinção, onde a adesão a certos códigos se tornava pré-requisito para o reconhecimento mútuo. O resultado, no plano das interações, era a emergência de microexclusões, muitas vezes sutis, mas eficazes na produção de distâncias e segmentações. A trajetória da banda, portanto, ilustra como a busca por centralidade e reconhecimento pode, paradoxalmente, engendrar novas formas de ortodoxia, demonstrando que as

dinâmicas de inclusão e exclusão se renovam continuamente nos bastidores dos movimentos culturais, sejam eles quais forem.

É nesse ponto que a teoria de Quijano (2022) ilumina a análise com maior densidade e agrega um olhar latino-americano ao fenômeno. Segundo o autor, a colonialidade do poder, em sua formulação, não se restringe ao domínio econômico ou político, mas se infiltra nos modos de classificar, legitimar e organizar a vida social, operando por meio da racialização e da hierarquização dos saberes. O que Quijano propõe é que a matriz colonial sobrevive à descolonização formal, persistindo como racionalidade que define quem pode falar, de que lugar, com quais saberes e para quais públicos. Assim, mesmo nos movimentos endereçados ao rompimento da ordem dominante, a colonialidade pode se reatualizar, seja pela reprodução de normas tácitas de pertencimento, seja pela recusa em transformar materialmente as condições de acesso, reconhecimento e participação. No caso do punk local, a apropriação de signos negros e o discurso antirracista sem abertura real à pluralidade de sujeitos e experiências é um sintoma dessa colonialidade persistente.

Lanço mão de uma recordação trazida à baila por um dos membros do Kilombo entrevistados, seguida da perspectiva da banda Escória sobre a participação negra no cenário local:

Eu e o Caveira⁵ éramos parceiros de andar de light, há 40 anos atrás. Era aquela turma que a gente andava junto para beber vinho, para ir para o quadrado de noite, era os nego de preto, como as pessoas nos chamavam e achavam estranho.

[...] Os negros, pela nossa trajetória e por essa ser uma casa liberta, os negros não vêm aqui. Os negros gostam de estar em espaços onde podem tá exercendo o machismo negro, tá ligado?! Os negros não aceitam dois caras de 1,80m, musculosos, de mão dada. Os negros não aceitam duas minas no canto se beijando. Os negros que tão aqui são pessoas que já romperam essa barreira. A gente tem que entender que a cultura negra é uma cultura extremamente machista (Representante do Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão, junho de 2025).

Infelizmente, em Rio Grande, contamos nos dedos das mãos a quantidade de pessoas negras nos eventos e gigs undergrounds. A Escória em momentos diferentes contou com integrantes pretos (Cleberson e Salvador), que são grandes artistas plásticos, além de músicos, e trouxeram valiosas contribuições. Sentimos muita falta de pessoas negras na cena riograndina. Atualmente, em Rio Grande, não temos bandas punx ativas além de nós (Integrante da Escória, maio de 2025).

A persistência da colonialidade do poder nos espaços contestatórios, conforme analisada por Quijano (2022), revela-se justamente na dissonância entre discursos libertários e práticas excludentes. O depoimento do representante do Kilombo Urbano, ao afirmar que "os negros não vêm aqui" por rejeitarem comportamentos não heteronormativos, expõe uma visão de perto e de dentro da cultura negra no extremo sul como intrinsecamente machista. Essa perspectiva, que condiciona a participação à aceitação prévia de normas específicas, ecoa o que Quijano identificou como hierarquização dos saberes e corpos: ao estabelecer um "modelo correto" de negritude aceitável, internaliza uma violência

⁵ Alcunha de José Centeno, vocalista da extinta banda Aborto Podre.

epistêmica que invisibiliza a pluralidade de experiências negras, o que, em certa medida, é também justificado materialmente pela ausência de pessoas negras nos espaços libertários dos quais participa a banda Escória⁶.

Aqui, o diálogo com bell hooks (2019) torna-se incontornável. Quando a autora discorre sobre a reconstrução da masculinidade negra, descreve a rejeição paterna ao irmão por sua inadequação aos códigos patriarcais, expondo como o machismo opera como mecanismo de fratura comunitária internalizado — fenômeno que o Kilombo identifica ao atribuir a ausência negra não às barreiras estruturais do próprio *underground*, mas a uma espécie de "defeito cultural" que os ausentes percebem nos participantes. Tal raciocínio, concatenado com o pensamento de hooks, expõe que o patriarcado negro é produto histórico da desumanização colonial: a hipervalorização da masculinidade dominadora surge como resposta compensatória à violência racial, não como essência identitária. Qualquer naturalização, portanto, reforça a matriz colonial que Quijano (2022) denuncia.

A escassez de corpos negros na cena punk riograndina, conforme alega a banda Escória — "*contamos nos dedos das mãos*" — não é mera coincidência, mas sintoma de uma dupla violência: de um lado, a falácia da "inclusão", que é acrítica e exige conformidade prévia como moeda de entrada; de outro, a não problematização das condições materiais que impedem o acesso (racismo estrutural, segregação urbana e outros). Enquanto os espaços libertos como o Kilombo operam pela lógica da inclusão culturalista, a cena punk no geral falha em questionar seu próprio lugar de enunciação branco-europeizado, onde signos negros são apropriados esteticamente sem redistribuição de poder — exemplificando o "excesso decolonial" de Woods (2020): o gesto anticolonial que perpetua colonialidades.

Nesse cruzamento entre a demanda por performatividade masculina e a classificação racial dos corpos, a colonialidade reatualiza-se: espaços alternativos convertem-se em microcosmos da hierarquia social que pretendiam subverter. A superação exige, como propõe hooks (2019), reconhecer as representações negras como campos de batalha política, para além da masculinidade e, conforme Quijano (2022), desmontar a geopolítica do conhecimento que define quem pode habitar quais espaços, com quais corpos e saberes.

A superação desse excesso decolonial, portanto, não pode se limitar à ampliação simbólica do repertório cultural ou à inclusão pontual de sujeitos historicamente marginalizados. O desafio é mais profundo: trata-se de desestabilizar as próprias bases que sustentam a colonialidade, promovendo um descentramento epistêmico e uma reconfiguração das relações de poder no interior dos coletivos, espaços culturais e movimentos sociais. Isso implica reconhecer que a diferença não é um adereço, mas um

⁶ Banda ativa desde 1996, cujo primeiro lançamento ainda em k7 se chamou *Okupar*, datado de 1997. Escória possui notável engajamento e representatividade, já tendo se apresentado em todo o RS, em outros estados do Brasil, países da América Latina e Europa.

princípio organizador das práticas coletivas, exigindo a criação de dispositivos efetivos de participação, escuta e deliberação, capazes de incorporar saberes, experiências e demandas que escapam às gramáticas dominantes. A experiência do Kilombo Urbano, já discutida, serve como referência não por ser um modelo a ser replicado, mas por demonstrar que é possível reinventar as formas de coletividade, horizontalidade e acolhimento a partir de epistemologias subalternas, inspirando outras práticas em contextos diversos.

Nesse sentido, a crítica de Quijano (2022) à colonialidade do poder oferece um roteiro para pensar estratégias de superação do excesso decolonial. Em primeiro lugar, é preciso deslocar o foco da representatividade simbólica para a redistribuição efetiva de recursos, espaços e oportunidades, de modo a transformar as condições materiais que sustentam as hierarquias. Em segundo, é necessário criar arranjos organizativos que privilegiem a pluralidade, a rotatividade de funções e a autonomia coletiva, evitando a cristalização de novas ortodoxias insurgentes. Por fim, a abertura ao inacabado e à crítica constante deve ser assumida como virtude política, permitindo que os movimentos permaneçam sensíveis às contradições e demandas emergentes, sem se fecharem em torno de identidades ou narrativas fixas.

O cenário do extremo sul do Brasil, marcado por cicatrizes profundas da escravidão e por uma cena alternativa ainda predominantemente branca, revela que a luta contra a colonialidade exige mais do que gestos simbólicos ou celebrações identitárias. Trata-se de um trabalho contínuo de desnaturalização das hierarquias, reinvenção das práticas cotidianas e abertura ao novo, que só pode ser realizado por meio da construção coletiva de ecologias políticas e culturais plurais. A superação do excesso decolonial, nesse contexto, não é uma tarefa pontual, mas um processo de invenção social que se realiza na experimentação constante, na escuta ativa e na disposição para transformar, de modo radical, as estruturas que sustentam a exclusão. É nesse movimento, atento tanto às armadilhas quanto às potencialidades do cotidiano, que se desenham caminhos para uma transformação social efetivamente decolonial e emancipatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando o conjunto dos achados reunidos neste trabalho, emerge diante de nós uma paisagem cheia de ambivalências: de um lado, estruturas sociais fundadas sobre o esquecimento e a exclusão; de outro, brechas e aberturas produzidas por sujeitos e coletivos empenhados em recompor sentidos, desafiar a ordem e, por vezes, redesenhar o próprio roteiro da história local. O fio condutor dessa análise atravessa as marcas de um passado escravocrata ainda inscrito no cotidiano do extremo sul do Brasil, mais especificamente nas cenas políticas, culturais e urbanas de cidades como Pelotas e Rio Grande, principalmente.

Sustentados por uma memória parcialmente apagada, os espaços de sociabilidade e produção cultural, como a cena punk, reiteram, consciente ou involuntariamente, dinâmicas de exclusão — o que só acentua o desafio já antigo: transformar resistência em transformação.

O estudo procurou demonstrar como o punk, mesmo proclamando o novo e o dissenso, tropeça na persistência de padrões, semelhantes àqueles que critica. A cena *underground* local, em sua maioria branca, reproduz silenciosamente as fronteiras raciais herdadas do colonialismo e da lógica das charqueadas. Percebe-se, assim, um descompasso entre discurso e prática: o potencial de denúncia anárquica esbarra em uma barreira significativa de acesso a pessoas negras, cujas histórias e vivências continuam, em grande medida, silenciadas — mesmo quando as estéticas e os discursos marginais do punk pretendem radicalizar o desconforto social. Esse descompasso é mais do que uma incongruência; é um mecanismo de disjunção funcional, revelando como as estruturas sociais podem tolerar, adaptar ou absorver a contestação sem, necessariamente, questionar ou subverter seus próprios fundamentos.

No entanto, seria simplista encerrar a análise nesse impasse. A proximidade vivida — ao lado dos protagonistas dessas tentativas de reinvenção, nos eventos do Kilombo Urbano Ocupação Canto de Conexão, nos ensaios de bandas e nos encontros no subterrâneo dos espaços de cultura — permite constatar algo além do dilema estrutural. Ali, o potencial do improviso social salta aos olhos; os sujeitos, cientes das ambiguidades que os cercam, expõem e tensionam essas fissuras no dia a dia. A própria existência do Kilombo Urbano — como projeto coletivo que se nutre das epistemologias negras, opera deslocamentos simbólicos e desafia as ordens estabelecidas — exemplifica a capacidade dos atores locais de reapropriar sentidos, transformar restos em territórios férteis, converter prédios ociosos em casas de resistência e convivência.

O Kilombo com “K” aprofunda, por sua vez, o gesto de reinvenção. Não está apenas em jogo a substituição de um repertório por outro, mas a tentativa de refundar as gramáticas de pertencimento a partir dos saberes de matriz africana, estabelecendo outra espessura de autonomia e articulação coletiva. Assim, o que se realiza nessas ocupações não é uma simples representação simbólica, mas a produção cotidiana de uma comunidade política em que se elaboram novas formas de solidariedade, novas maneiras de negociar com a cidade e com o passado. Autonomia e acolhimento tornam-se faces de uma mesma estratégia de sobrevivência.

Essas estratégias sociais, embora ainda frágeis, apontam o caminho para o fortalecimento dos laços comunitários e, potencialmente, para uma ampliação real da participação negra nas esferas culturais alternativas. Vê-se aqui, portanto, como estruturas estabelecidas podem dar lugar a estruturas emergentes, em processos cumulativos de

tensão, mimetismo e dissidência. Essa possibilidade de deslocamento — de não naturalizar as determinações históricas, de duvidar da inevitabilidade dos silenciamentos — é, talvez, o aspecto mais potente desses movimentos.

Se, diante do palco improvisado da resistência, personagens se revezam entre bastidores e luzes, cabe sublinhar que a aposta não está na ilusão de um rompimento instantâneo, e sim nos pequenos rituais da construção coletiva. Cada debate, cada reunião, cada tentativa de ampliação do repertório de inclusão racial e de práticas decoloniais, aponta para a reconstrução que é lenta, tensa, mas possível, de um espaço público genuinamente plural. Essa logística do cotidiano, longe de ser mera máscara, revela-se performance capaz de recompor, peça por peça, o tabuleiro desigual herdado do passado escravocrata.

Em última instância, o diagnóstico socioantropológico aqui ensaiado mostra que o desafio maior consiste em fazer da contradição um princípio de invenção. Trata-se de enfrentar abertamente as ambiguidades, tensionando as normas para que surjam outros modos de se estar-junto, para que o cotidiano não seja apenas repetição, mas também laboratório de novas formas de reparação histórica.

O futuro do movimento punk local está em suspenso, entre as contingências do contexto social e a capacidade inventiva de seus protagonistas. Todavia, as práticas observadas demonstram que, mesmo sobre solo marcado por cicatrizes profundas, é possível semear espaços de troca, resistência e reinvenção. É no interstício entre o que se pode e o que se deseja, na relação cotidiana entre história, conflito e coletividade, que reside a força transformadora da cena *underground* e das ocupações no extremo sul. Resta, então, manter o olhar atento para as fissuras e potências que se abrem no que, *a priori*, é ordinário, apostando na possibilidade de reescrever o roteiro das cidades e dos sujeitos que nelas insistem em resistir e reexistir.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, José Euzébio. Idade, Sexo, Ocupação e Nacionalidade dos Escravos Charqueadores (1780-1888). *Estudos Ibero-Americanos*, [S. l.], v. 16, n. 1, 2, p. 29-46, 1990.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. Punk: cultura e arte. *Varia Historia*, v. 24, n. 40, p. 747-770, 2008.
- GUERRA, Paula; MENEZES, Pedro Martins de. Dias de insurreição em busca do sublime: as cenas punk portuguesas e brasileiras. *Revista Sociedade e Estado*, v. 34, n. 2, p. 485-512, 2019.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

PERES, Jéssica Rodrigues Bandeira “Civilização e liberdade, pátria e humanidade”: os propagandistas republicanos pelotenses e a abolição da escravidão. *Sæculum - Revista de História*, v. 27, n. 47, p. 78-95, 2023.

PESSI, Bruno Stelmach. *O impacto do fim do tráfico na escravaria das charqueadas pelotenses (c. 1846 – c. 1874)*. 2008. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Revista Novos Rumos*, n. 37, 2022.

VARGAS, Jonas Moreira. De charque, couros e escravos: a concentração de riqueza, terras e mão-de-obra em Pelotas (1850-1890). *Sæculum - Revista de História*, n. 26, 2012.

WOODS, Maxwell. Decolonization, decolonial excess, and punk: reflections on the cultural politics of race and coloniality in North Atlantic punk. *Cultural Studies*, v. 36, n. 4, p. 519-542, 2020.

Recebido em 15 de julho de 2025.

Aprovado em 20 de novembro de 2025.



